

Robertson Frizero (org.)

# Microcontos Maternos



literatura  
mínima

Robertson Frizero (org.)

# Microcontos Maternos



literatura  
mínima

*Entre o infinito do céu e o  
infinito da terra, existe o teu  
infinito, igualmente desmedido  
e ilimitado. Mãe, o tempo não é  
capaz de conter-te.*

*José Luis Peixoto*

# Apresentação

Não há como a definir de forma simples e definitiva. Mas nossos autores aceitaram o desafio: retratar a maternidade em poucas palavras. O resultado é esta antologia que orgulhosamente apresentamos aos leitores. Ela vai além de uma mera homenagem: mostra o bem e o mal em torno dessa experiência para a qual nenhuma mulher jamais está preparada.

Oxalá estes textos possam emocionar e fazer refletir, rir e chorar — como a própria vida.

*Robertson Fuzero*

# Índice

<i>A descoberta</i> , de Renata Lima	01
<i>A joia</i> , de Maria Neta	02
<i>Almoço de domingo</i> , de Ana Aygadoux	05
<i>Amor de Mãe</i> , de Cida Nunes	08
<i>Amor maior</i> , de Taís Oya	10
<i>Ausência</i> , de Robertson Frizero	11
<i>Autografia genetriz</i> , de Ana Baggioto	12
<i>A vida</i> , de Creusa Alves	15
<i>Bendita Maria</i> , de Renata Lima	16
<i>Candura</i> , de Robertson Frizero	18
<i>Carinho de mãe</i> , de Cida Nunes	19
<i>Cicatrizes</i> , de Robertson Frizero	20
<i>Ciclo</i> , de Cláudia Moura	21
<i>Ciclos</i> , de Ana Aygadoux	22
<i>Colo</i> , de Robertson Frizero	24
<i>Corte</i> , de Doralino Souza	25
<i>Cura</i> , de Ana Baggioto	26
<i>De bolo em bolo</i> , de Silvio Marconi	27
<i>Despedida</i> , de Viviane Alves	30
<i>Destino</i> , de Brígida De Poli	31
<i>Destinos</i> , de Robertson Frizero	33
<i>Duas</i> , de Doralino Souza	35

<i>Emoção</i> , de Elis Cavalheiro	36
<i>Erro médico</i> , de Silvio Marconi	37
<i>Habibi</i> , de Brígida De Poli	39
<i>Lamento</i> , de Ana Paula Figueiredo	41
<i>Lavadeira</i> , de Cida Nunes	43
<i>Libertação</i> , de Doralino Souza	45
<i>Mãe</i> , de Renata Lima	46
<i>Maria Parteira</i> , de Cláudia Moura	47
<i>Maternidade</i> , de Robertson Frizero	49
<i>Minha mãe</i> , de Brígida De Poli	51
<i>Nenhum a menos</i> , de Jurema Rangel	52
<i>No céu</i> , de Janice Nodari	53
<i>O colar de macarrão</i> , de Ana Aygadoux	54
<i>O começo</i> , de Doralino Souza	57
<i>O farol</i> , de Guilherme Balarin	59
<i>O pai</i> , de Brígida de Poli	61
<i>Outrora</i> , de Robertson Frizero	63
<i>Para sempre</i> , de Osana Santos	65
<i>Presente</i> , de Dedé Ribeiro	66
<i>Primeiro dia</i> , de Cida Nunes	67
<i>Profecia</i> , de Ana Aygadoux	68
<i>Quem cala, consente</i> , de Robertson Frizero	70
<i>Realizando desejos</i> , de Osana Santos	71

<i>Retratos</i> , de Creusa Alves	73
<i>Revelação</i> , de Dora Lampert	75
<i>Ritual</i> , de Ana Aygadoux	77
<i>Segundos</i> , de Robertson Frizero	78
<i>Separação</i> , de Viviane Alves	79
<i>Sete</i> , de Brígida De Poli	80
<i>Sina</i> , de Robertson Frizero	81
<i>Sintonia</i> , de Maurício Silva	82
<i>Transparente</i> , de Janice Nodari	83
<i>Uma conversa</i> , de Renata Lima	84
<i>Verdade indesejada</i> , de Ana Paula Figueiredo	85
<i>Vínculo</i> , de Ana Paula Figueiredo	87
<i>Vivência</i> , de Ana Mello	89
<i>Voa, minha pequena</i> , de Daniel Waismann	90
<i>Vó Joaquina</i> , de Cláudia Moura	91
<i>Zelos</i> , de Lucimar Vieira	93
<i>Zênite</i> , de Robertson Frizero	95

Ana Aygadoux | Ana Baggioto | Ana Mello | Ana Paula  
Figueiredo | Brígida De Poli | Cida Nunes | Claudia Moura |  
Creusa Alves | Daniel Waismann | Dedé Ribeiro | Dora  
Lampert | Doralino Souza | Elis Cavalheiro | Guilherme  
Balarin | Janice Nodari | Jurema Rangel | Lucimar Vieira |  
Maria Neta | Maurício Silva | Osana Santos | Renata Lima |  
Robertson Frizero | Silvio Marconi | Taís Oya | Viviane Alves



# A descoberta

*Renata Lima*

A menina de tranças brincava quando aconteceu a primeira vez: seu peito subia e descia bruscamente, puxava com força o ar pela boca. A mãe colocou-a de bruços e, por horas, massageou suas costas com bálsamo. Cantava baixinho. Foi ali que a menina descobriu seu melhor remédio: colo da mamãe.

# A joia

*Maria Neta*

A joia mais interessante do concurso atraía o olhar de todos. Ouvia-se o eco das vozes do público, em admiração única. A concha pendurada ao colar simulava um grande coração pulsante. Centenas de rubis minúsculos incrustados a ela refletiam as luzes em volta. Efeito singular!

O júri foi unânime ao premiar o jovem designer e quis saber sobre a inspiração para o belo trabalho.

— Eu tinha um ano de idade e sofri um acidente de automóvel com meus pais — ele contornou a joia exposta e apontou a concha levemente entreaberta irradiando uma fina linha de brilho. — A pérola envolvida aí sou eu. Não me julguem presunçoso! Apenas sou muito amado. Naquele acidente que sofri, o resgate veio rápido, mas no quadro que se apresentava julgou-se impossível sobrevivente. De repente os paramédicos surpreenderem-se com um choro de criança. E

perceberam como o corpo  
de minha mãe,  
estranhamente se dobrara  
feito uma concha. Ali  
dentro, estava eu. Fui  
resgatado sem nem mesmo  
um arranhão. Com esta joia,  
estou contando ao mundo a  
história do amor da minha  
mãe. Ela me deu a vida  
enquanto a sua era tomada.

# Almoço de domingo

Ana Aygadoux

O aroma do molho de tomate invadia toda a sala. A mesa coberta de farinha abrigava os inúmeros nhoques enrolados no garfo, mas algo faltava naquela lembrança.

Manu procurou sua avó, com as mãos grandes deformadas pela doença. Não a encontrou.

No lugar da avó, a mãe da Manu tentava manter viva a tradição da família nos almoços de domingo. Nhoques de batatas,

cozidos na água fervente, com um filete de azeite e duas colheres rasas de sopa de sal. Depois, mergulhados no molho de tomate caseiro, era o sabor que Mano conhecia da infância, e a lembrança que tinha de sua avó.

Enlaçou a cintura da mãe, encostando seu rosto no dela.

A mãe, surpresa, largou a colher de pau com que mexia o molho e retribuiu o afeto.

— O que você faz é o pavê, mãe, ele tem sabor de mãe.

— Mas e o almoço de domingo com sabor de vó?

— Vai encontrar novos caminhos.

# Amor de Mãe

*Cida Nunes*

Para os médicos,  
Simone não poderia  
engravidar, mas suas  
orações foram mais  
fortes. E Deus abençoou-a  
com uma gravidez  
inesperada.

Depois de quinze anos,  
a tão sonhada  
maternidade aconteceu!  
Com muita ternura,  
Simone depositou o beijo  
na cabecinha de sua bebê.

— Você é a joia mais  
preciosa que tenho, nem

o ouro nem a prata valem  
esse amor, minha querida  
filha. — murmurou  
Simone, agradecida, ao  
morrer pelo esforço do  
parto.

# Amor Maior

*Taís Oya*

A menina esperava ansiosa a chegada da mãe, todos os dias ela lhe trazia um presente. Esse, vinha embrulhado num papel toalha. A garota abria com cuidado, seus olhinhos brilhavam ao ver a surpresa deliciosa.

Soube depois, não era qualquer presente — a mãe deixava de comer seu lanche no trabalho para agradá-la.

# Ausência

*Robertson Frizero*

O marido aceitou-a sem questionar. Os filhos acolheram-na como se retornasse de uma longa viagem na qual estivera incomunicável. Mas ela sabia: foram meses de paixão doentia pelo amante, de ilusão de liberdade... De volta à família, sem punições por sua ausência, só faltava, para a felicidade completa, perdoar-se incondicionalmente.

# Autografia genetriz

Ana Baggioto

Abrimos o baú de escritos de nossa mãe. Cada uma das três se revezou na leitura de poemas, excertos, risos e lágrimas. Todas sofriam sua ausência, mas Ana estava desolada. Talvez porque, quando fora folha descartada, nossa mãe a inserira nas páginas da sua história de maternidade. As mesmas letras, a cor da tinta, a força e a leveza impressas nas páginas irmãs, em nada diferia de

todo amor impresso nela,  
capítulo enxertado e  
tornado essencial à trama  
familiar.

Hoje quem nos rasga é o  
descarte periódico da  
existência que nos impede  
de ouvir as cobranças  
antecipadas dos potes que  
não voltarão após o almoço  
de domingo. Se tivéssemos  
o poder de edição do  
destino, encaixaríamos  
quilômetros de linhas em  
sua vida como  
insubordinação à finitude  
de alguém, cujo amor  
desmedido deu-nos um  
título na concepção. À Ana,

deu-lhe enquanto ainda era  
um rabisco involuntário.

# *A vida*

*Creusa Alves*

A estrada, longa. Os passos apressados da mulher franzina, seguidos por outros miúdos, nas mais variadas direções e atenções. Vez ou outra, o cão veloz, amigo das crianças, na sua diversão, antecipava o obstáculo, o perigo à espreita, o tempo, de passos vagarosos. Um dia, finitos.

# Bendita Maria

*Renata Lima*

Em agosto ela nasceu, no calor da cidade de Crato. Ainda mocinha, largou a escola para se casar com o primo. O segundo marido era índio, morreu cedo. Rumou para São Paulo, terra prometida daqueles tempos. O terceiro marido abandonou-a por uma dona. Quando voltou, Maria disse não. Seus sete filhos acostumaram-se com desafortunados dividindo a mesa de

jantar. Com cabelos  
branquinhos, assumiu a  
bebê, fruto de adultério do  
filho. A família exigira:  
largue a bastarda, tem  
orfanato na Lapa. As  
noites sem dormir nunca  
foram esquecidas pela  
menina, hoje mulher, que  
sonha com Maria todas as  
noites.

# *Candura*

*Robertson Frizero*

— Sou eu, Janete.

— Janete?

A mãe sorria, mas já não estava mais ali. As memórias apagaram-se lentamente. Foi-se embora também a mulher amarga, sempre cruel com Janete. O esquecimento adocicou-a; chorava se recordavam sua antiga mesquinhez.

— A senhora está linda.

A mãe ria, feliz. Janete perdoou quem já não existia.

# *Carinho de Mãe* Cida Nunes

Todas as noites, ela visitava o quarto dos filhos, ajeitando aquele que se descobriu durante o sono, ou apenas ajeitando o travesseiro. Com todo cuidado, para não acordá-los.

Um beijo na testa de cada um, depois saía devagarinho, apagando a lamparina.

Assim que mamãe saia, eu dava um sorriso e voltava a dormir. Ela não percebia que eu ainda estava acordada, esperando seu beijo...

# Cicatrizes

*Robertson Frizero*

Contrariado, o menino gritou:

— Vaca inútil!

A mãe ergueu a mão; o gesto ficou no ar. O braço erguido recordou-lhe as bofetadas do ex-marido que acompanhavam aquela mesma frase.

Abraçou o filho assustado; ele chorou.

— Desculpe, mãezinha.

A palavra mágica, nunca dita pelo pai da criança, cicatrizou-lhe feridas da alma.

# Ciclo

*Cláudia Moura*

Sempre às cinco da manhã, eu despertava com o cheirinho do café com leite e cuscuz.

Cantadorando, minha mãe entrava no quarto e soltava essa: “Detesto quem amanhece dormindo!”. Às gargalhadas, eu revidava: “Mas quem amanhece acordado?”. Hoje em dia, desperto às cinco para fazer o café com cuscuz para meus filhos e, se demoram, repito: “Detesto quem amanhece dormindo”.

# Ciclos

Ana Aygadoux

Lembro quando sentei e chorei, exausta, entre fraldas sujas, monte de roupas para lavar, choro de criança, noites insones e o cheiro de leite azedo no ar.

Não tinha mais tempo para mim, não tinha ajuda e me culpava por querer outra vida.

Outra vida chegou.

Hoje, choro, também sentada, olhando fraldas sujas, montes de roupa para lavar, choro de criança, noites insones e aquele cheiro de leite azedo no ar.

Minha filha, cansada,  
abraça-me em silêncio,  
compreendendo minha  
alegria ao escutar o sopro  
de vida nova a preencher  
nosso lar.

# Colo

*Robertson Frizero*

Com três aninhos, o menino não entendeu — a mãe chegou acamada da maternidade, sem o irmãozinho prometido. A madrinha orientou-o:

— Mamãe está doentinha, não pode dar colo.

Os movimentos voltaram aos poucos, mas ela nunca mais foi a mesma.

O menino aprendeu: amor de mãe também se declama em silêncio.

# Corte

*Doralino Souza*

Ela escovou os cabelos por horas a fio. Pretos. Desciam escorregadios até a cintura. Admirou-se um tempo. Aquele vento soprou forte nas frestas largas, gelando tudo. Encarou o bercinho. Vaidade tola essa minha, pensou, esse dinheiro será de maior valia. Daí largou a escova na prateleira e pegou a tesoura.

# *Cura*

*Ana Baggioto*

Enquanto aguardava o transplante, Luísa lembrou-se que nascera de um desejo de verão moleque. O abandono apequenou-lhe o rim. As pessoas são mais imprevisíveis para o bem, ensinou a vida. O perdão dado à sua mãe biológica, deitada ao seu lado, redimiu-lhes o corpo e a alma.

# De bolo em bolo

*Silvio Marconi*

Certo dia, abri um armário na casa de minha irmã Ana e lá estava a bateadeira de bolos que era de nossa mãe. Embarcamos numa deliciosa viagem no tempo:

— Você lembra do Chamin? — Ela sorriu, abrindo o baú de memórias da infância.

— Aquele gato ficava ligado quando ouvia essa bateadeira. Mais divertido ainda do que correr atrás dele, era lamber as tigelas

das guloseimas que estavam sendo preparadas. Quase não precisava lavar depois. — Continuei, animado.

Nós éramos só quatro irmãos, crescemos ao redor dessa bateadeira. Porém, havia dezenas de festas, e vivíamos de bolo em bolo. Nossa casa tinha cheirinho de aniversário.

Quando já adultos, nossa mãe confidenciou o quanto era difícil festejar nossos aniversários. Cada bolo que ela fazia para a vizinhança, guardava uns trocados para

fazer nossas festas. E então compreendemos algumas brigas que ecoavam pelas paredes da pequena casa.

Descobrimos que meu pai tinha aversão a festas.

# Despedida

*Viviane Alves*

O toque delicado da mão de Aurora acariciava o rosto da amada mãe; pássaros cantavam lá fora como se fosse uma última homenagem. O espírito parecia já ter abandonado aquele corpo, até que um sobressalto a despertou. Era como se a mãe estivesse lutando para adiar ao máximo aquele definitivo ponto final.

# Destino

*Brígida De Poli*

Dividíamos com Mariona o mesmo banheiro na pensão, onde fomos morar depois da viuvez de minha mãe. Nossa vizinha de porta era muito alta, o que explicava o apelido. Eu, adolescente, tinha curiosidade de conhecer aquela mulher que era pipoqueira de dia e prostituta à noite.

Um dia, convidada para o aniversário da filha dela, conheci o cômodo ao lado.

A menina mimada foi hostil comigo por não ter levado presente. Ela morava com parentes. A mãe pagava as melhores escolas. Queria uma vida melhor para a filha. Eu achava aquilo admirável.

Anos depois, contaram: a moça acabara nas drogas. Mariona morreu atropelada em frente à escola onde vendia pipocas.

# Destinos

*Robertson Frizero*

Na primeira prenhez, ele deliberou:

— Se vier fêmea, é tua, mulher. A segunda criatura é minha.

Nasceram duas meninas — um ano quase entre partos. A primeira ganhou mimos, educação. A segunda, mal se defendia, já dominava a lida: galinhas, chiqueiro, horta.

As duas cresceram quase separadas: uma não saía de casa para não sujar o vestido; a outra não entrava,

para não enlamear o  
assoalho. De noite,  
conspiravam: a mais velha  
ensinava cartilha; a mais  
nova trazia pedrinhas ou  
rãs.

Enterraram os pais — um  
ano quase entre enfartos.  
Castigadas pelo tempo,  
tornaram-se as melhores  
avós postiças que se  
poderia ter.

# Duas

*Doralino Souza*

Na apresentação da escola o estranhamento. Burburinho dos adultos. Olhares à espreita pelo pátio. Nunca antes teve isso ali. Necessidade de reunião, talvez. O pequeno ia feliz, entre as duas, agarrado pelas mãos. Elas sorriam, mas, de prontidão para lutar, caso preciso fosse. Mães não titubeiam em defesa da cria.

# Emoção

*Elis Cavalheiro*

As dores pioraram. O táxi ia o mais rápido que podia. O trânsito estava caótico. O marido afagou sua mão e ela sentiu-se segura; outra contração e o grito foi maior. O táxi chegou ao hospital. Já era tarde: o filho nasceu nos braços do pai.

# *Erro Médico*

*Silvio Marconi*

O menino, inteligente, saudável e serelepe, e ainda ágil nos esportes, agora já é quase um adolescente.

A concepção foi em meio às alucinações da mãe... Eram dias tormentosos.

As primeiras mudanças no corpo levaram-na ao médico, que a tranquilizou: é uma hérnia de disco, esse analgésico vai melhorar a dor. Talvez fosse a verdade que ela queria ouvir naquela hora.

Por fim, ele, quando quis se mostrar ao mundo, num exame de imagem, já tinha doze semanas - ele soube se esconder muito bem.

Veio pra esse mundo mostrando que é esperto, desde os tempos da barriga da mãe.

# Habibi

*Brígida De Poli*

Eu sabia que só você seria aceito no país estrangeiro. Mesmo assim, quis acompanhá-lo até seu destino para ter certeza de que chegaria bem.

Ao me colocarem de volta no barco, só pensava se você entenderia — não o abandonei por vontade própria. Queria o melhor para a sua vida, mesmo isso me custando a dor infinita da sua ausência.

Quando a saudade aperta, fecho os olhos para

sentir a água do mar nas  
minhas pernas e sua voz  
dizendo — "ami aleaziza".  
Sim, serei sempre sua  
mamãe querida. É quando  
as lágrimas vêm, salgando  
o oceano que nos separa,  
meu "habibi".

# Lamento

Ana Paula Figueiredo

Minha mãe nunca permitiu que eu me aproximasse, como é de se esperar de uma relação entre mãe e filha. Nos aniversários e datas comemorativas os abraços eram sempre tímidos e rápidos. O amor não existia em palavras, ficava implícito nos gestos, na espera com a comida pronta, no chá preparado para tratar o resfriado.

Quando criança, eu não compreendia e invejava o afeto escancarado de minhas amigas e suas mães. Demorei, mas entendi o que se passava na relação com minha mãe. Ela não conseguia oferecer aquilo que não recebera. Sabia sentir, mas não expressar.

No leito do hospital, quando se preparava para despedir-se da vida, em um sussurro pediu-me perdão, e uma única vez em meus trinta e cinco anos, ouvi-a dizer que me amava.

# Lavadeira

*Cida Nunes*

Em um cesto improvisado, lá estava a pequena Lindamar. Ficava ali enquanto Maria, sua mãe, lavava roupas na margem do rio Uberabinha, sempre atenta, cantarolando músicas de Elis Regina.

De repente, a mulher olhou, não viu a menina, seu coração disparou. Uma dor aguda de preocupação no coração.

Mergulhou no rio, aflita; quando emergiu,

uma surpresa! Lindamar estava engatinhando na margem, rumo à sua casa. Maria suspirou aliviada, saiu correndo atrás da pequena.

Beijou-a e abraçou-a várias vezes, acalmando o seu coração.

- Mamãe te ama!!! - murmurou, agradecida.

# Libertação

*Doralino Souza*

Bem no alto da coxilha,  
onde nem o quero-quero  
se aninhou, ouviu-se grito  
vindo à luz. Esparramada  
no potreiro, com o recém-  
nascido sobre o ventre,  
pediu coragem ao Deus  
branco pois, da divindade  
nativa, lhe fugira nome.  
Filho meu não há de ser  
acorrentado. Feito um só  
corpo, rolaram ribanceira.

# Mãe

*Renata Lima*

O ranger dos portões enferrujados fizeram a mulher estremecer; nunca chegara tão longe. Fizeram-na esperar numa cadeira, como as da escola em que a filha estudou. Um homem sentou-se à sua frente. O perdão, exaustivamente ensaiado, ainda aguardava nos lábios dela. Levantando os olhos, encarou o assassino de sua filha.

# Maria Parteira

*Cláudia Moura*

Quase todas as crianças daquela cidadezinha nasceram pelas mãos da D. Maria. Experiente, já contava quantas luas iam dar para a mulher buchuda parir. Quase sempre dava certo. Mas, um dia, ela errou, e Né sentiu as dores do parto antes do tempo. Mandou o maiorzinho ir atrás da parteira. Pegou Maria desprevenida. Até que se ajeitou e cruzou a cidade, era tarde.

A menina já tinha nascido sozinha e, para desespero da mãe, com o umbigo enrolado no pescoço. A parteira entrou no quarto e deu o prognóstico:

— Essa menina vai ser advinha — gesticulou, explicando a razão do umbigo apertado à garganta da recém-nascida.

# Maternidade

*Robertson Frizero*

Dalila ouviu em silêncio a confissão. Naquele tempo, era possível um homem chegar virgem ao casamento.

— Teu segredo está guardado. — Ela tranquilizou-o. — Seja discreto.

Seguiram morando juntos; dormiam na mesma cama. Quando as irmãs perguntavam-lhe da vida de casada, ela sorria.

Seis anos de casamento  
teceram laços. Sem  
trocarem carícias, criaram  
gostos, compartilharam  
hábitos. Até sua irmã  
sofrer um erro médico e  
perder os movimentos.  
Dalila imaginou o cunhado  
apático, o sobrinho  
pequeno sem colo...

Seis dias depois,  
partiria sem culpa. O  
marido nada entendeu.

— Já podes viver tua  
vida. — Ela entregou-lhe  
os papéis do divórcio. —  
Eu preciso ser mãe.

# Minha Mãe

*Brígida De Poli*

Ela não costumava beijar ou abraçar os filhos. Nem usava palavras carinhosas. Cuspei a entender que seu amor ela traduzia no duro trabalho noturno no hospital. Assim conseguia criar as três crianças, órfãs de pai. A doçura, ela colocava em forma de quadradinhos amarelos na compoteira de vidro, único luxo herdado do casamento.

# Nenhum a menos

*Jurema Rangel*

Há anos, os cinco irmãos preparavam a mesa e um cardápio especial para almoçarem com a mãe. Sempre fora um encontro fraterno, ainda mais agora que todos eram adultos e casados. Já estavam reunidos quando a mãe tocou a campainha e entrou de mãos dadas com o menino aparentando dez anos. Surpresos, ouviram a mãe anunciar que adotara o garoto.

# No Céu

*Janice Nodari*

No céu dos avós devem existir muitas guloseimas e brincadeiras esperando para serem compartilhadas, Joana pensava.

Mas enquanto se balançava no brinquedo favorito da neta se perguntava se no céu dos netinhos, onde sua querida Luiza estava, também era assim.

Não parecia certo os netos irem primeiro...

# O colar de macarrão

*Ana Aygadoux*

Maria de Fátima  
agarrava-se a um colar,  
feito de macarrão pintado  
com tinta guache. Tentava  
lembrar-se do momento  
em que a filha havia  
partido, mas a memória  
não cooperava.

— Dona Maria, hoje a  
senhora tem visita, vamos  
guardar esse colar? — A  
enfermeira estendeu a mão  
em vão.

Maria agarrou-se às  
contas coloridas enrolando  
o barbante no pulso.

Surpreendeu-se com a jovem que entrava no quarto. Parecia com sua mãe.

A moça abaixou perto de sua cadeira, apoiando a mão sobre aquela que segurava o colar:

— Você ainda guarda esse colar, mãe?

Maria a olhou confusa, o toque era conhecido, mas não combinavam com a imagem que via. A moça, insistente, deu-lhe um beijo no rosto. Maria de Fátima fechou os olhos e aceitou o carinho estranho.

No calor do afeto, ela  
reencontrou a filha,  
criança em seu coração e  
em suas lembranças,  
adulta a enlaçar-lhe a  
presença.

Mãos unidas no colar de  
macarrão tingiram-na das  
lembranças de ser mãe.

# O Começo

*Doralino Souza*

Uma velha parteira socorreu minha mãe, disse que meu choro foi contido, todavia, carregado de dor, depois falou que eu seria feliz. Aí ela me deitou no braço esquerdo de minha mãe, já que é ao lado do coração, e eu grudei na teta. Então foi-se embora, a mãe me contou. Só que eu acho que nunca houve parteira nenhuma. Acho que sempre foi só nós duas. Minha mãe

permaneceu deitada na  
cama improvisada entre  
dois cochos, feito animal  
que pariu e ficou a lambar  
a cria. Quatro dias depois  
resolveu levantar pra  
buscar rumo, pra ela e pra  
mim.

# *O Farol*

*Guilherme Balarin*

A escuridão apoderava-se do mundo inteiro, como vasto oceano de breu. A luz dos dois irmãos diminuía devagar. Ondas de escuridão batiam na porta. A fome uivava pelas janelas, ressaca; queria era quebrar no ventre. O mundo apagara, mas aquela casa teimava em manter o brilho. Os irmãos disputavam um pedaço de pão solado. A mãe, paciente, pegou o pão e o

repartiu. Metade para cada. O pão atçou um pouco a luz dos irmãos. A mãe sabia que, com o tempo, seus filhos também se apagariam. A luz da mãe não falhava; ela não podia deixar-se apagar. Brilhava intensa.

# O Pai

*Brígida De Poli*

Conheceram-se muito jovens na colônia. Casaram, tiveram oito filhos, fora os natimortos. O marido reclamava — Por que essa mulher não para de engravidar? — como se ele não exigisse sexo sem olhar a folhinha.

Um dia, ele arrumou um farnel e sumiu. Ela enxugou as lágrimas e passou a lavar roupa para fora. Precisava alimentar as crianças menores. As mais velhas

foram parar em casas de família. Subiam no banquinho para alcançar a pia e lavar a louça da patroa.

Décadas depois, o pai reapareceu, velho e doente. As filhas o acolheram. Cuidaram dele até morrer. A mãe não disse um ai.

# Outrora

*Robertson Frizero*

"Naquele tempo" — a senhorinha dizia — "tudo era melhor": seu pai saía para trabalhar e a mãe bondosa cuidava de tudo; ele chegava em casa e sua mãe, ciosa de seus deveres, tinha jantar pronto, mesa posta; se ele demorava a chegar, ela embrulhava as panelas em panos de prato e punha no forno, para manter o calor; se a espera fosse noite adentro, ela

punha as crianças para dormir — ficava a remendar suas roupas, à espera do marido; se ele chegasse violento, bêbedo, trancava as crianças no quarto e imolava-se às pancadas dele, pelo bem da família.

Eram outros tempos.

# Para Sempre

Osana Santos

Dez anos haviam se passado quando nos encontramos novamente. Um abraço frouxo celebrou o encontro, ali mesmo, na rua.

— Como você está linda e crescida!

Eu não conseguia dizer *mãe*; somente, “Francisca.” Mais sete anos distantes, já adulta, eu abusava do “mamãe”. Foram quatro anos assim, até perde-la para sempre.

# Presente

*Dedé Ribeiro*

Recebendo, pela primeira vez, aquele ser minúsculo em seus braços, a mãe percebeu que havia perdido o direito de morrer.

# Primeiro Dia

*Cida Nunes*

Quando ela olhou para trás, o choro foi inevitável.

Os portões fecharam-se. Um barulho terrível ecoou nos seus ouvidos, fazendo-a chorar ainda mais. Sua mãe já não estava ao seu lado como antes....

# Profecia

Ana Aygadoux

Selma sempre dizia à sua filha que em casa que tem criança, uma luz está sempre acesa. Samantha nunca prestou muita atenção ao velho ditado, pois decidira que nunca teria um filho. Essa resolução foi tomada quando, aos vinte e cinco anos, perdeu seu único irmão, dez anos mais novo, engolido pelo mar revolto.

A mãe ainda era nova, apenas sessenta e nove

anos, mas o sofrimento a levou a viver num mundo só seu. Hoje Samantha confirma a sabedoria de sua mãe. Mesmo sem filhos, deixa sempre uma luz acesa. A vida a fez mãe de sua própria mãe.

# Quem Cala, Consente

*Robertson Frizero*

Para a professora: "É o jeitinho dela".

Para a psicóloga: "É só desenho de criança".

Para a escola: "Não há nada errado".

Para a vizinha: "Não se meta".

Para a avó: "Ele é bom, sustenta as crianças".

Para a filha: "Mentirosa! Nunca repita isso".

Para a delegada: "Nunca imaginei, doutora!".

# Realizando desejos

*Osana Santos*

Foram duas horas de muita dedicação.

— Este parto foi complicado! — Suspirou o obstetra, aliviado.

Desde o início, Laurita sabia que seria difícil. Não era só a gravidez depois dos quarenta e cinco; conviver com a filha e ouvi-la chamar outra de mãe, seria muito pior.

Mas, aceitara a proposta. Para viver o seu sonho, não

se importou em realizar o de outrem.

— Obrigada pela oportunidade que me deram de ser mãe — sussurrava Laurita para os patrões, que a acompanharam em todos os momentos.

Ele, sim, terá o prazer de ser pai de verdade; mas a patroa será mãe sem jamais saber o que é a dor do parto.

# Retratos

*Creusa Alves*

Minhas bisavós, há muito tempo, escolheram retalhos coloridos, com elementos da natureza, e fizeram uma lindíssima colcha, sedimentaram o chão batido da casa. As avós usaram retalhos ilustrados de fatos e pessoas e taparam as paredes. As mães criaram lonas, ilustrando conquistas e saudades, e

entelharam a casa. Foi lá  
que me surpreendi com  
um menininho me  
chamando: “Mãe!”.

# Revelação

*Dora Lampert*

A vó mexia uma panela sobre o fogão à lenha; o momento preciso — ela de costas para mim.

Dei um suspiro comprido; as palavras, vomitadas:

— Estou grávida.

Ela virou-se lenta.

Procurou meu olhos enfiados nos bordados da velha toalha de mesa.

Foi com o canto do olhar que vi o dedo em riste apontando para o chão — as tábuas largas desde a

existência da casa. O ponto temido das crianças crescidas alí — o metro quadrado defronte o fogão. A primeira frase aprendida por todas era sempre e para sempre: *Heiss, isso queima.*

Sua voz, entre pedido e ordem, soou morna, terna.

— Aqui vou criar mais essa criança.

Eu tinha apenas quinze anos.

# Ritual

*Ana Aygadoux*

Todos os dias, Mariana fingia dormir, só para sentir a mãe entrar no quarto, cobri-la com o edredon, beijar sua testa e afastar-se, caminhando em plumas, apagando a luz do quarto antes de sair.

Só então, permitia-se dormir, com o sono abençoado por ela.

# Segundos

*Robertson Frizero*

Questão de segundos: o pequeno disparou; a multidão impediu-a de acompanhar em que direção. Gritou o nomezinho mil vezes. Uma boa alma apiedou-se dela; depois, os autofalantes, o gerente, a polícia, o marido. Todos os olhos condenavam-lhe em silêncio. "Conte-nos como aconteceu", indagavam-lhe todos. E ela morreu a cada interrogatório.

# *Separação*

*Viviane Alves*

Quando ela olhou para trás, procurando-a, Marina fez menção de correr até sua filha. A polícia deteve Marina. A mãe biológica arrependera-se, queria a menina de volta. Marina nada pôde fazer.

# Sete

*Brígida De Poli*

Mãe só tem uma? Eu tive sete. Quando fui sorteada pela natureza para nascer filha de Alice, ganhei como bônus Clara, Virgínia, Nelly, Joana, Nica e Mimi, suas irmãs. Sempre cheias de carinho e cuidados comigo, ouvi de todas ao longo da vida as palavras "minha filha". Que sorte eu tive!

# Sina

*Robertson Frizero*

Gemma determinara:

— Não nascendo mulher,  
Candinho cuida de mim.

Daria filho às armas,  
outro aos padres. O menor  
era dela.

Enviuvou, menina não  
veio. Candinho aprendeu  
tudo. Irmãos partiram;  
ficou ele pela mãe, da roça  
aos banhos.

Amor, Candinho nunca  
teve. Gemma proibia.  
Morreu de força, semanas  
depois da mãe.

# Sintonia

*Maurício Silva*

Amamentou. Em  
agradecimento, recebeu  
um olhar terno,  
penetrante.

— Também te amo  
— Retribuiu a mãe.

# Transparente

*Janice Nodari*

— Meu bebê...

A voz, um misto de orgulho e cansaço, foi abafada pelos cumprimentos sendo trocados entre o pai, os avós e o médico.

Ninguém a olhou nos olhos ou lhe dirigiu palavras. Alguém veio e tirou o bebê de seu lado.

Era mãe. E ficara transparente.

# Uma Conversa

*Renata Lima*

A mulher colocou a menina no colo.

— Já é mocinha, tem cinco anos. Deve ter percebido que sou velha para ser sua mãe... Ela precisou viajar. Pediu que cuidasse de você.

— Quando ela vai voltar?

— Logo.

— Até lá, posso te chamar de mãe?

A mulher sorriu.

# Verdade Indesejada

*Ana Paula Figueiredo*

A carta foi encontrada no fundo de uma caixa escondida entre os pertences da tia. Ele não entendeu o significado, não tinha maturidade para aquela compreensão. Na impossibilidade de perguntar aos pais, questionou a tia.

Foi com espanto que ela o viu com aquele velho envelope nas mãos.

Tremeu, ficou sem palavras. O menino se aproximou, quis saber o que era adoção. Ela o fez sentar na poltrona, e calmamente iniciou a explicação. As lágrimas rolavam pela face macia dele, enquanto tentava interromper os soluços.

Choraram. Ela o acolheu num abraço:

— O segredo não era meu para ser contado.

# Vínculo

*Ana Paula Figueiredo*

Agachado, o rapaz depositava crisântemos no túmulo. Antes, porém, limpava o entorno, tirara as velas queimadas, trocara as flores e a água nos vasos. Uma vez ao ano ele tinha esse compromisso consigo. Vicente nunca aceitou a ausência da mãe. Sentia falta daquilo que nunca vivera. Não bastasse a culpa que carregava, os irmãos eram indiferentes a

ele, como se não existisse, ou não merecesse uma existência. Agia sempre da mesma forma: quase ao final do dia levava as flores para a mãe; longe dos olhares condenáveis, ele orava e resignava-se ao pensar que sempre teriam aquela data para compartilhar.

# Vivência

*Ana Mello*

Sobreviviam com o que ela catava nas lixeiras do centro da cidade. Mas Elisa sonhava com uma vida melhor para eles. Comer o que sobrava dos pratos dos filhos não saciava sua fome, mas enchia seu coração com o rastro de suas bocas que sorriam como se fosse um banquete.

# *Voa, Minha Pequena*

*Daniel Waismann*

Quando ela olhou para trás, não entendeu o choro de sua mãe. Apenas na formatura da faculdade, recordando a cena em que foi deixada na escola, compreendeu o sentido daquelas lágrimas. Desde então, um universo inteiro se abriu.

# Vó Joaquina

*Cláudia Moura*

Miúda, compenetrada, era de poucas palavras. Seu olhar impunha respeito e autoridade. Crianças deviam entrar mudas e sair caladas. Falar, só quando fosse lhe dada a vez. Resto de comida no prato, intolerável.

Desperdícios, nunca eram permitidos. Tudo se reaproveitava, desde a banana passada do ponto que se transformava em picolés, até vestidos

antigos, em colchas de retalhos. Todos os seus movimentos eram cheios de significados e, suas palavras, verdadeiros ensinamentos. As férias na casa dela incluíam acordar às cinco da manhã para pisar o milho para o cuscuz no velho pilão e lavar louças no jirau. Obrigatório não era, mas fazia não pra ver!

# Zelos

*Lucimar Vieira*

Lavadeira profissional e mãe solteira. Conhecia todo mundo na cidade. Passava o dia na lavanderia pública, mas quando chegava em casa, queria ver a tarefa de casa dos quatro filhos, que com sacrifício os mantinha na escola. Não se contentava com respostas curtas nos cadernos. Queria ver página cheia. Comandava aquela família com mãos de ferro.

— Se é pobre tem que estudar, pra ser gente na vida. — Repetia isso todo dia enquanto olhava nossos cadernos.

Apenas aos doze anos, eu descobri que minha mãe era analfabeta.

— Mais forte!

A mãe fazia-lhe as vontades sempre que podia. Empurrar o balanço, ao menos, não custava o dinheiro suado das costuras. Por sorte, o filho não era de mimos — queria apenas voar alto.

O sonho de ser piloto foi impossível — fez-se um comissário de bordo.

Quando pôde, resgatou a mãe da pobreza e comprou-lhe um apartamento — andar alto, perto do céu.



Este ebook foi produzido pelo projeto Literatura Mínima, cujo objetivo é a divulgação da Literatura Minimalista. O livro tem distribuição gratuita e agradecemos sua distribuição e divulgação.

Conheça o LITERATURA MÍNIMA e registre lá a sua opinião sobre este livro-presente:



@literaturaminima



Brasil, maio de 2023.

Todos os direitos reservados aos autores.

Organização, diagramação e revisão:

Robertson Frizero

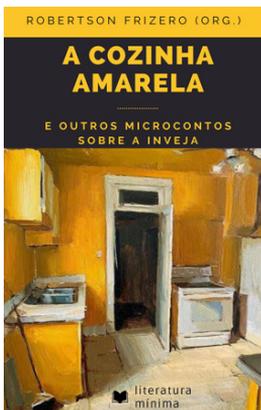
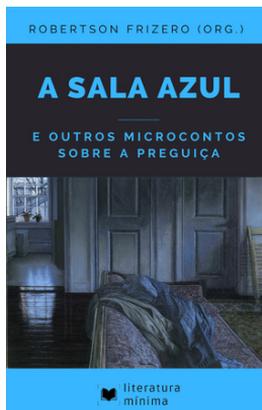
Contatos: Robertson Frizero [frizero@live.com]

Fonte usada: Joshico / Georgia Pro

O Clube de Criação Literária é um programa de formação continuada para escritores, com uma intensa programação mensal de oficinas literárias e cursos. É também um coletivo de autores que promove ricas trocas culturais e diversos projetos de produção e divulgação de textos literários - dentre eles o LITERATURA MÍNIMA. Conheça o Clube e suas vantagens, seja um de nossos afiliados;



[www.frizero.com.br](http://www.frizero.com.br)



Baixe nossas outras antologias gratuitamente pelo site: [www.frizero.com.br](http://www.frizero.com.br)

